

Em apenas cinco anos o consumo de remédios para a hiperatividade nos mais novos quadruplicou em Portugal. Este medicamento ajuda-os a manter-se concentrados, sobretudo na sala de aula, mas a sua prescrição está a dividir os pediatras

CRIANÇAS TOMAM CADA VEZ MAIS MEDICAMENTOS PARA SE ACALMAREM

CATARINA CRISTÃO

Rodrigo, de 10 anos, Bernardo, de 14, e Ricardo, de 18, são irmãos e sofrem todos de hiperatividade. Na escola estão desatentos e em casa, muito irrequietos. Como eles, calcula-se que existam em Portugal perto de 50 mil crianças com perturbação de hiperatividade e défice de atenção (PHDA) que precisam de tomar remédios para reduzirem os comportamentos impulsivos. E os números não enganam: o consumo dos medicamentos *Ritalina*, *Concertae Rubifen* quadruplicou em cinco anos. Uma utilização que divide os pediatras: para uns, "a prescrição está a ser feita indiscriminadamente"; para outros, ainda não é suficiente.

Só em 2004 chegou às farmácias o primeiro medicamento à base de metilfenidato, a *Ritalina*, um psicofármaco destinado a tratar casos de hiperatividade em crianças. Embora este remédio seja um estimulante do sistema nervoso central, tem uma função calmante nas crianças com PHDA ou trissomia 21.

Logo nesse ano, as farmácias encomendaram 35 mil embalagens, segundo dados da consultora IMS Health. Desde então as vendas não pararam de crescer. Em 2007 e 2008 chegaram ao mercado mais dois medicamentos com esta substância: *Concertae Rubifen*. Nos primeiros 11 meses do ano passado, foram encomendadas pelas farmácias 140 424 unidades, o que equivale a 385 por dia. Ou seja, quatro vezes mais do que as fornecidas às farmácias em 2004.

A *Ritalina* usada pelos três irmãos ajuda-os a estar mais

calmos e a concentrar-se nas tarefas do dia-a-dia, sobretudo na escola. A mãe, Linda Serrão, de 42 anos, também ela hiperativa – aliás, como toda a família –, e presidente da Associação Portuguesa da Criança Hiperactiva, retrata o comportamento dos filhos. "Têm dificuldade em ouvir e prestar atenção. Na escola distraem-se com qualquer coisa que lhes desvie o sentido, como fazer desenhos no caderno ou falar com o colega do lado."

Ricardo toma um comprimido de *Ritalina* por dia, desde os 13 anos quando lhe foi diagnosticada a PHDA. "Na altura estava no 8.º ano. No primeiro semestre apresentei seis negativas, mas depois de começar a ser medicado, acabou o ano com negativa apenas a Matemática", conta a mãe.

A hiperatividade é considerada uma das causas principais para o insucesso escolar, devido ao

deficiente de atenção, e contribui para a difícil integração dos alunos. "Se não medicarmos as crianças com défice de atenção, sejam hiperactivas ou não, estamos a hipotecar-lhes o futuro", sublinha Armando Fernandes, pediatra do Centro de Desenvolvimento Infantil de Telheiras, para quem os valores não reflectem uma prescrição excessiva do medicamento. "Está-se a cada vez mais alerta para o problema da desatenção", acredita.

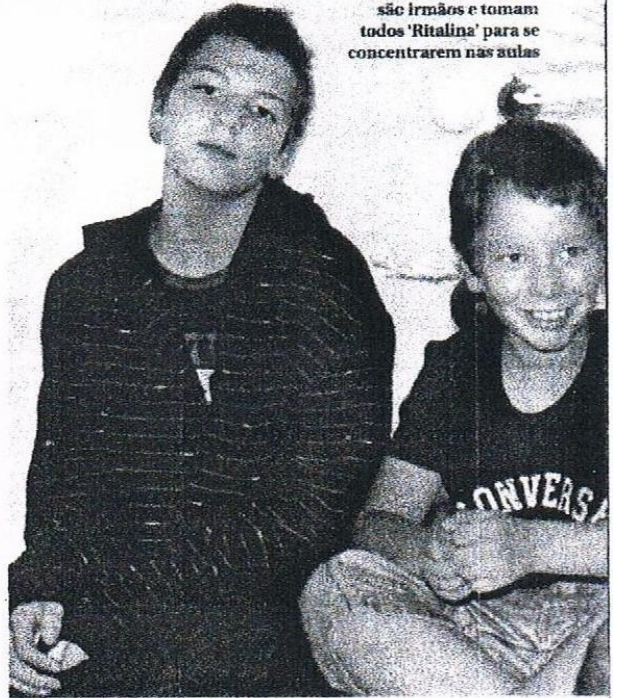
O pediatra do desenvolvimento Miguel Palha, fundador da Associação

Diferenças, assina por baixo. "O aumento do uso destes medicamentos explica-se, sobretudo, pelos seus benefícios. Reduz o insucesso escolar, melhora as relações no círculo de amigos e família e permite-lhes pensar num futuro", assegura, salientando que apenas um quinto das crianças que precisam deste tratamento químico estará a recebê-lo. "Há prescrição a menos. Haverá certamente muitos casos que não estão diagnosticados e médicos e pais que ainda receiam dar estes medicamentos às crianças."

Já o pediatra Libério Ribeiro tem uma visão bem diferente. "Estou convencido de que há muitos casos que estão diagnosticados como síndrome de défice de atenção e não o são. Não existe um método matemático que diga que uma criança é hiperactiva. Tudo depende da avaliação do médico, com alguns exames e informações que chegam de casa e da escola." Mais: para o clínico, muitos casos necessitariam apenas de apoio psicopedagógico, ou seja, consultas regulares com uma equipa multidisciplinar e aplicação de regras por parte dos pais e professores, como colocar a criança na primeira fila e atribuir-lhe tarefas regulares.

Ánia Vasconcelos confessa que prescreve a *Ritalina*

Bernardo, de 14 anos, Rodrigo, de 10, e Ricardo, de 18, são irmãos e tomam todos 'Ritalina' para se concentrarem nas aulas

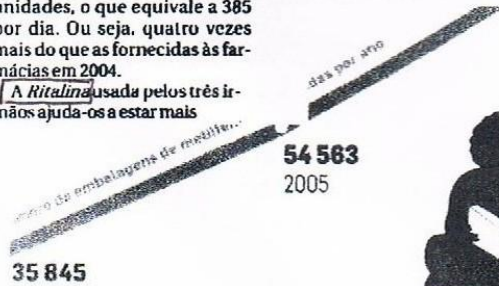


... muitas crianças, mas teme que este seja um hábito generalizado sem o acompanhamento devido. "Tenho colegas que estão a prescrever *Ritalina* indiscriminadamente. Mas é apenas uma ajuda e não a solução", sublinha.



Consumo não pára de subir

O metilfenidato (que começou a ser vendido nas farmácias nacionais em 2004 sob a marca 'Ritalina') é a que se juntaram em 2007 e 2008 os medicamentos 'Concertae' e 'Rubifen' e um estimulante do sistema nervoso central. É usado para tratar casos de hiperatividade, défice de atenção e trissomia 21. É aconselhado sobretudo a crianças, embora também seja consumido por adultos. Calcula-se que existam cerca de 50 mil crianças hiperactivas em Portugal e entre 10 a 12 mil com trissomia 21



BENEFÍCIOS

- Acalma
- Ajuda a memorizar
- Ajuda a manter a concentração
- Controla a impulsividade

EFEITOS SECUNDÁRIOS

- Fatiga
- Agressividade
- A alteração do humor
- Hipertensão arterial
- Perda de apetite

